

**Rebeldia estratégica, produção de coletivos e amar com desassossego:
imperativos éticos de modulações Helianas**

Strategic rebellion, production of collectives and loving with restlessness:
ethical imperatives of Heliana's modulations

Daniel Maribondo

Universidade Federal Fluminense – UFF

RESUMO:

Este trabalho propõe tratar, a partir dos rastros e efeitos de Heliana Conde na relação com o autor, de três modulações helianas como imperativos éticos na prática docente, e extrapolando esta. Primeiramente, o imperativo ético da rebeldia estratégica, que versa sobre o desconstruir instituídos paralelo ao compromisso com os efeitos dessa desconstrução. Em segundo lugar, o imperativo da produção de coletivos na prática docente. E, por fim, a coragem de desassossegar com amor, ou amar com desassossego.

Palavras-chave:

Docência;

Ética;

Estética.

ABSTRACT:

This work proposes to address, based on the traces and effects of Heliana Conde in the relationship with the author, three heliana modulations as ethical imperatives in teaching practice, even extrapolating this boundary. Firstly, the ethical imperative of strategic rebellion, which deals with destructing institutions parallel to the commitment to the effects of this deconstruction. Secondly, the imperative of producing collectives in teaching practice. And, finally, the courage to disquiet with love, or love with disquiet

Keywords: Teaching; Ethics; Aesthetics.

DOI: 10.12957/mnemosine.2024.88571

Sou Daniel Maribondo, hoje estou professor de Psicologia na Universidade Federal Fluminense de Rio das Ostras. Gostaria de agradecer à organização do evento, Leandro, Danichi, Rosimeri, Alice.

Na tentativa de conceber esta fala, isto é, como articularia a vida que tive com Heliana com o tema da docência, não havia como fugir de como nos conhecemos. Foi um processo

curioso pois, na UERJ, fui aluno de Heliana, mas ela fugia de mim - ou fugimos, um do outro. Heliana era muito notívaga, suas aulas eram a noite, e eu estudava no turno da tarde. Então, as disciplinas que cursava com ela não eram as obrigatórias, logo corria atrás de suas disciplinas eletivas. E a UERJ tinha algumas coisas estranhas, como esta: em um dado momento, Heliana descobre que suas disciplinas optativas estavam registradas com o mesmo código, mesmo sendo disciplinas diferentes. Dessa maneira, por alguns semestres, os estudantes ficaram impossibilitados de cursar outras disciplinas suas, salvo na condição de ouvintes. Lembro-me bem de como Heliana ficava indignada com esses entraves burocráticos, remetidos a “erros do sistema”. À época, as disciplinas que ela oferecia eram Leituras de Foucault e Análise Institucional.

Então, o primeiro contato se dá quando corro atrás dela, propondo estar como monitor na disciplina obrigatória Psicologia Social III. Fora uma monitoria informal, voluntária, pois, quando surge o desejo dessa parceria, os prazos já haviam passado para se concorrer a uma bolsa, mas foi nesse momento que iniciamos uma parceria mais próxima. Em um dado momento, ao final dessa experiência de monitoria, ela me convida para compor com sua equipe de iniciação científica. O projeto em curso, naquele momento, 2005, era o “Polifonias de um paradigma sem passado”, a partir do qual, pela metodologia da História Oral, se investigavam três momentos de erupção da Análise Institucional no Brasil. E é, a partir daí, que se intensifica nossa relação. Entre 2005 e 2010, aproximadamente, tive o privilégio de estar com Heliana toda semana, por volta de duas horas, em um encontro em que possuímos, sim, a desculpa da pesquisa, da iniciação científica, contudo eram encontros em que se ultrapassavam esses limites disciplinares - encontros transdisciplinares. Era um período turbulento na minha vida, mas não de uma maneira ruim. Estava vivendo tanto as aulas do curso de graduação em Psicologia quanto as experiências de estágio em lugares que convocaram muitas intensidades, como no sistema penitenciário, no Sistema Único de Saúde e, especificamente, no campo da saúde mental e atenção psicossocial. A UERJ, por sua vez, passava por um período complicado, em 2008, com a greve dos três segmentos e a ocupação da reitoria, que durara três semanas e da qual participei ativamente. Esses encontros com Heliana se transformaram em momentos em que trocávamos sobre esse processo político, que eu estava vivendo, que a UERJ estava vivendo, que a Psicologia estava vivendo. E, ao mesmo tempo, nos havíamos teoricamente com a Análise Institucional e com a História Oral, que também convocaram diversos tensionamentos tanto no movimento estudantil quanto no que estava acontecendo na UERJ, na ocupação.

É nesse período de convivência que surge, também, a Mnemosine. Começamos a implementá-la em 2005, quando publicamos o número zero, referente ao ano de 2004, para fins de formalização. Mais tarde, firmamos outra parceria: a orientação de monografia em 2011, meu último ano de graduação, e a participação nas bancas de mestrado (2013) e de doutorado (2022). Nesse interim, tornei-me psicólogo, professor, pai e, a todo momento, acompanhando esse processo de transformação e afirmação, estava Heliana.

Então, pensando sobre o que seriam essas modulações Helianas, como concebo essas modulações, e não tem como fazê-lo sem me referir ao que ela compartilhava sobre o “careca” (Michel Foucault). Uma das aulas que eu preferia era sobre biopolítica, o controle da vida, as modulações da vida. Ponderando sobre modulações que afirmam a vida, quais essas Heliana produziu e produz?

Logo me vieram três modulações que se colocam como imperativos éticos. Em um primeiro momento, pareciam como imperativos éticos para a docência. Em um segundo momento, aparecem como imperativos éticos para a atuação como psicólogo. E, em um dado momento, esse delineamento se desmanchou: não há, de fato, limites sobre esses imperativos éticos, que são algumas dessas modulações Helianas.

O primeiro imperativo ético, que a todo momento se colocava, tanto pela sua prática, quanto pelo que ela fazia suscitar na gente, é a prática de uma rebeldia estratégica. Isto é, por mais que pudéssemos romper amarras, provocar movimentos instituintes, afirmativos e criativos, questionar o instituído, que fizéssemos isso, sempre, estrategicamente. Desta maneira, essa modulação Heliana, esse imperativo ético nos coloca a premência de desmontar o que está dado, o instituído, todavia também de estabelecer uma forma de compromisso com o que surge, a partir desse desmonte, como movimento instituinte.

Um segundo imperativo ético, uma segunda modulação Heliana, diz respeito a como ela conseguia e como era admirável a capacidade dela de juntar gente, de produzir coletivo. Este se colocava, no entanto, como um paradoxo, da mesma maneira que é um paradoxo praticar uma rebeldia com organização e com estratégia: um paradoxo de como juntar gente, produzir coletivo e, ao mesmo tempo, manter uma atenção e um cuidado extremamente singularizado dentro desse fazer junto. Isso é extremamente paradoxal. Mas Heliana também me ensinou que o paradoxo é aquilo devemos habitar, pois não é uma contradição.

E, por fim, há muitas outras, mas elenquei essas três modulações Helianas: como ela conseguia ser generosa e, ao mesmo tempo, não nos dar sossego. Isto é, parafraseando Elton Moraes, compositor, como ela “nos dava amor sem nos dar sossego”. Heliana exercia um amor que acompanhava um movimento de desestabilização. E, a todo momento, mesmo nos

desestabilizando, o fazia com uma generosidade sem tamanho. Lembro-me da sensação de admiração ao ver esse fenômeno: como alguém que se afastou de uma prática psicológica *stricto senso* conseguia ter a palavra certa, o olhar certo, o gesto certo que o momento e a oportunidade pediam. Tratava-se, de fato, de uma performance, uma artesanaria que ela desenvolvia nesses gestos. Lembro-me de alguns deles: quando ela ainda fumava, fazia um movimento do cigarro, na ponta dos dedos indicador e médio, na mão esquerda erguida, cotovelo apoiado em uma mesa, e também erguia a sobrancelha e arregalava levemente os olhos. Um gesto que dizia "como vou criticar essa pessoa com cuidado?". Quando eu via esse gesto, pensava "ela tá pensando em como ela vai elogiar e ao mesmo tempo desassossegar essa pessoa", e era o que acontecia logo em seguida. Heliana era, a todo momento, permeada por esse gesto de amor e gentileza com desassossego e desestabilização. Em uma de suas aulas da disciplina optativa de Análise Institucional, na qual ela propunha, como avaliação, o diário institucional, no qual nos convocava a indagar, cotidianamente, nos espaços que ocupamos, aquilo estava nos atravessando, que afetos estavam nos permeando. Durante a discussão desse instrumento de avaliação, um estudante pergunta "tá bom, Heliana, você está colocando tudo isso para a gente, mas eu queria te perguntar. Como está você? E isso você nunca traz, nunca coloca em jogo." E, nesse gesto, Heliana, sem derramar uma lágrima, chorou, chorou em sala de aula. Ela estava sempre permeada por esses gestos sempre muito certos no lugar e momento em que tinham de acontecer.

Por fim, fica marcado, para mim, a sorte em ter Heliana na minha vida, a diferença que ela fez e faz na minha, na nossa vida, e como a gente carrega ela, no corpo, como ela nos afeta, e vai continuar afetando. Utilizando, dentre as milhares referências maravilhosas que ela compartilhava conosco, um livro do Mathieu Lindon, "O que amar quer dizer". Parafraseando Lindon, Heliana era certamente alguém que sabia o que amar quer dizer, e sabia praticar uma rebeldia estratégica, produzindo coletivo, singularidade, nos amando e nos desassossegado. Para finalizar minha fala, agradeço muito a todos vocês, por compartilharem este momento, este evento, mas agradeço principalmente a Heliana, por ter me dado o sonho de que ela nunca iria morrer.

Daniel Maribondo

Prof. adjunto da Universidade Federal Fluminense Rio das Ostras, psicólogo, com ações de ensino, pesquisa e extensão na área de clínica, grupos e corporeidade: práticas transdisciplinares. Atuou como psicólogo clínico autônomo, na atenção básica, na atenção

secundária em saúde, como psicólogo escolar e junto ao Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro e a conselhos de políticas públicas.

E-mail: danielmaribondo@id.uff.br